

humanitas

Vol. IX-X

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HYMANITAS

VOLS. VI E VII DA NOVA SÉRIE
(VOLS. IX E X DA SÉRIE CONTÍNUA)



COIMBRA
MCMLVII-VIII

Filippo Maria Pontani, *Letteratura greca. I — Da Omero al VI secolo a. C.* 210 pp. + 8 est. extratexto. *II — Il V e il IV secolo a. C.* 470 pp. + 16 est. extratexto. *III — Dal III secolo a. C. al VI d. C.* 330 pp. + 12 est. extratexto. Messina-Florença, Casa Editrice G. D'Anna, 1954, 1955 e 1956.

Em Florença nos disseram que era um historiador «de sanctista»; em Roma, que era um historiador «esteticista». O rótulo, em um caso como o de Pontani, vale bem pouco. O mesmo que valeria a designação de «perrottiano», por exemplo. Ninguém mais culto, ninguém mais sensível que este homem externamente semelhante a Eça de Queirós, magro, sóbrio, anguloso, de sorriso melancólico ou extinto. E nenhuma história literária, a nosso ver, tão convivente e comungante com os autores como a sua história literária grega. Uma exposição crítica e amorosa ao mesmo tempo; e, por muitos aspectos, uma obra de arte também. Livro que, entre raros, apeteceria salvar em um naufrágio.

O método adoptado é o monográfico: pretende-se, «em uma série de ensaios, fazer reviver as maiores personalidades de uma literatura* que, pela vastidão de interesses e altura de resultados, não tem porventura rival na história da humanidade» (p. 5). Criticado embora por vozes de vários quadrantes (por exemplo Del Grande, *Storia della letteratura greca*¹⁰, pref., pp. 5-7), o método monográfico — «temperado com a sucessão cronológica e as oportunas referências ao momento de civilização e de cultura em que viveram os escritores»¹ — é, assim ainda, «o menos incongruo

a incongruência entre as grafias *Girino* (pp. 21, 23 e 24), com *i*, e *Góngula* (16 n., 23 e 24), com *u*, *abrosúna* (p. 13) e *habrosúna* (p. 18: se ática, mas não se vê a que propósito, esperar-se-ia a forma *habrosynê*), e as acentuações *Plistodica* (p. 24) e *Plistódica* (pp. 29 n. e 62 n.). Quanto a *Góngula*, por sinal, nas condições em que a palavra é empregada, não haveria grande prejuízo em aceitar a forma tradicional *Gôngila*.

Informamos, para terminar, que tanto Del Grande em *Φόρμυξ* (1957), p. 203, como Gentili na sua recentíssima edição de Anacreonte (1958: v. a recensão nesta revista), pp. 12 e 141, interpretam, ao contrário de Galiano (pp. 65 e 79), *προς δ'άλλην τινά χάσκει* do frg. 5 Diehl (= 13 Gentili) como referido a *κόμην* e não a *νήνιν*.

1 Notemos, a propósito, que falta, à entrada do segundo volume desta obra, uma panorâmica sobre a Atenas do século v — paralela, de certo modo, à que se lê, na abertura do terceiro (pp. 5-8), sobre a civilização helenística.

para uma reconstrução e uma análise das várias individualidades que — através, sobretudo, da poesia — entraram a fazer parte do património do espírito» (p. 5). Entende-se, por isso, que «a atenção dedicada aos *menores* se limita às raras iluminações de poesia que possam apresentar, e, subsidiariamente apenas, à identificação de substratos culturais e afinidades expressivas» (ibid.). Nenhuma preocupação, nem nominal nem substancial, de fazer concessões à ultrapassada arrumação por géneros — todos redutíveis, afinal, em poesia, a um género único, o lírico (p. 83): só nalguns casos, relativamente poucos, o Autor se permitiu, quebrando «a estrita ordem temporal», fazer certas aproximações, realmente oportunas, de epígonos ou modestos reflectores. Mas a intenção didáctica está patente na observância, para as maiores figuras, de um «esquema constante» de exposição; a vida, as obras, a arte, e a «fortuna» no correr dos tempos. Obrigou-se Pontani, além disso, a recordar «as questões filológicas principais» — e se, algumas vezes, o fez amplamente, noutras, à custa de um admirável poder de síntese, conseguiu, em meia dúzia de linhas, ou num breve parêntese, encerrar o enunciado de um problema ou os elementos orientativos para a sua solução. Mérito não pequeno desta obra é, com efeito, a sua *densidade* e a sua *concisão*: bem como um vigilante senso de *justeza crítica* — predcados que dificilmente se compadecem com a acusação, superficial, de esteticismo. Não faz esteticismo quem, como Pontani, não perde de vista um só momento a lição dos textos, que rigorosamente cita e aponta à consideração dos estudiosos. Mas «fruto», como é, «de longo amor» e «documento de um gosto e de uma experiência, moral e literária, intensamente sofrida» — esta obra requer dos seus leitores uma «amorosa atenção» (p. 5): a atenção que não vimos que lhe fosse dispensada dentro e fora da Itália.

Porquê?... Julgamos que, à parte uma presumível incúria editorial na expansão do livro, a justificação se deve procurar quer em um equívoco inicial sobre as características desta *Letteratura* (considerada tão-sòmente «escolar», no sentido restrito do termo, ou servilmente tributária da *Storia della letteratura greca* de Perrotta), quer nas dificuldades da linguagem em que foi vazada, de custoso acesso, em especial para estrangeiros. Não há que ter ilusões, todavia, sobre os destinatários deste livro: poderão certos alunos, melhor dotados, do liceu aproveitar da lição de algumas das suas páginas, e haurir nelas o entusiasmo de uma vocação perdurável — mas a obra, tal como está, é feita para universitários (e oxalá todos se sentissem em condições de a apreciar plenamente!). Depois, não seria justo imaginar a *Letteratura* de Pontani como uma *editio maior* da literatura de Perrotta: Pontani é um admirador, não um discípulo do grande helenista ; o seu livro vem depois do manual excelente de Perrotta, supõe em muitos lugares uma adesão e um débito (reconhecido, aliás, pela dedicatória ao mestre romano) : mas é uma obra independente, com características diversas e um repensamento pessoal dos problemas — que conduz,

por vezes, a soluções diferentes das apresentadas pelo autor da *Storia della letteratura greca*. Temos, por último, o embaraço do estilo, profundamente sugestivo, mas coado através de todas as experiências, «herméticas» ou não, dos últimos decénios: estilo em que abundam os helenismos, os latinismos, os arcaísmos, os termos poéticos e os termos abstractos ², as construções de reminiscência clássica ou andamento moderno; em que o ataque do período se faz, não raro, de maneira insólita e a solidadura dos membros por forma inaparente; em que a articulação ou abordagem do assunto supõe, com artifício ou sem ele, uma atitude de «pré-conhecimento» que gera, por vezes, no leitor, uma sensação de momentânea perplexidade. Não é manual para iniciação ou repetições apressadas: trata-se, antes, de um livro, em muitos aspectos, «complementar» — que, nem por ser particularmente endereçado aos jovens (p. 5), esquece os professores e quantos buscam, em obras deste género, uma orientação de crítica e de gosto. Pesada também (à parte as compensações, esplêndidas, de «fundo»), a responsabilidade de um tradutor. E quanto estimável seria, no entanto, a versão — para estudantes universitários portugueses — de uma obra tão viva e tão documentada!

Tocamos aqui um ponto melindroso. À parte as referências constantes ao texto dos autores gregos e latinos, a *Letteratura* de Pontani não faz uma única citação bibliográfica em rodapé ou no corpo da obra. Melhor avisado, todavia, que Paratore na sua *Storia della letteratura latina*, onde é quase impossível ler um só nome de investigador moderno, Pontani menciona ³, entre parênteses, os responsáveis pelas doutrinas que aceita ou que critica. O processo, ainda assim, tem o seu quê de reprovável, mormente quando, como no caso de Pontani, se pensa quanto seria fácil ao autor das *Pleiadi* colocar, à testa da obra e de cada uma das monografias principais, uma nota bibliográfica orientadora ⁴, que simplificaria as remis-

² Impressionante, por exemplo, a quantidade dos abstractos em *-ità*: *alterità, contraddittorietà, creatività, descrittività, desultorietà, discorsività, drammaticità, effusività, elementarità, eticità, fissità, meccanicità, modernità, opacità, passività, persuasività, positività, precarietà, tragicità, virtualità...*

³ Nem sempre, para dizer a verdade: e o facto causa alguma estranheza. Assim o, leitor inexperto ficará ignorando a quem pertence esta curiosa afirmação (1, p. 77) : «Se por lírico se entende o poeta que no primeiro plano coloque o próprio eu, nenhum foi mais lírico do que Hipónax.» Ora teria bastado, de acordo com a prática usual do Autor, escrever, entre parênteses, Romagnoli: o passo vem na introdução à tradução dos fragmentos de Hipónax, in *I poeti lirici*, 1, p. 176.

⁴ Muito bom, de facto, pela justeza da selecção e dos juízos críticos, o apêndice bibliográfico que encerra a colectânea *Pleiadi* (Roma, 1952).

sões e daria ao estudioso a possibilidade de conferir e desenvolver, querendo, os pontos de vista resumidos. Mas sabemos que Pontani tenciona suprir esta lacuna com a publicação de um volume, anexo à *Letteratura*, e totalmente consagrado à bibliografia crítica.

Não se comenta, em três ou quatro páginas, uma obra que representa, certamente, na sua realização próxima, alguns anos de trabalho aturado e, na sua remota preparação, uma vida inteira de devoção à cultura helénica, antiga e moderna ⁵. Mais vale, depois de tudo o que fica dito, e em livro que nos deu tantas satisfações, assinalar preferências e um que outro ponto susceptível de melhoria. Aos poemas homéricos, aos grandes líricos dos séculos VII, VI e V antes de Cristo (nomeadamente Alemán, Safo, Hipónax, Simónides, Baquilides, Píndaro), aos trágicos maiores, a Aristófanes, a Heródoto, Tucídides, a Demóstenes, depois, no período helenístico, a Asclepiades, Leónidas, Calimaco, Apolónio e Teócrito consagrou Pontani sínteses esplêndidas que se não esquecem facilmente. Menos impressiva e algo sumariada nos parece, ao invés, a monografia sobre Platão ; é melhor, sem dúvida, a que dedica a Aristóteles — mais abarcável, de resto, como personalidade de escritor, a despeito da sua obra monumental. Partilhamos em absoluto do severo juízo que formula (11, pp. 391-392) sobre esse «campeão da *mediocritas*» que foi Xenofonte:

«Críticos antigos e modernos louvam a clareza como a qualidade principal de Xenofonte — quando, na realidade, ele oferece um exemplo vivo de contradições e incertezas. Obsequente das tradições éticas e culturais da sua gente, Xenofonte é, todavia, um apolítico, que antepõe os interesses individuais aos interesses da πόλις. [...] A devoção a Sócrates e a adesão aos seus ensinamentos morais não excluem relevantes diversidades em relação ao mestre, quer no amor da pacificação campestre (Sócrates nunca saiu da cidade), quer no extroverso activismo e na solicitude pelos adestramentos físicos ou pela milícia e pela guerra. O chato bom senso é demasiado para fazer de Xenofonte um filósofo; o filosofismo é excessivo para fazer dele um poeta. [...] Não basta dizer que entendeu pouco de Sócrates : ele entendeu pouco de tudo. Campeão da *mediocritas*, sente-se habilitado a propinar a sua moral circunscrita, cautelosa, a cuja frouxa luz divide os homens em bons sem defeitos e maus sem remédio, criando manequins de santos e celerados, sem conseguir entusiasmar-se deveras por uns ou sentir rancor pelos outros.

«/.../ Escritor fácil, nítido, límpido, afaga os ouvidos do leitor para logo o enfadar com certa monotonia de cadência : mas não provoca um só

⁵ Pontani é, também, um óptimo conhecedor da literatura grega moderna.

estremecimento, nem pode provocá-lo : *si uis me flere, dolendumst*. «Abelha ática», «ática musa» o reputava Dionísio. Cícero e Quintiliano foram seduzidos por aquele *sermo melle dulcior* (Cic., *Or.*, 9, 32) com que *Musas quasi locutas ferunt* (19, 62) [...] O elogio do estilo foi tão concordemente repetido no decorrer dos séculos que Xenofonte acabou por se identificar com a grecidade ática e por surgir como uma das figuras mais representativas do mundo antigo. Mas ele foi apenas um homem versátil, um modesto divulgador, um expositor elegante. As suas limitações explicam bem a fortuna que teve junto dos pedagogos de todos os tempos, felizes com embalar-se na estupidez das sentenças e das sistematizações de uma vida que não conhecem. Ousaria dizer que o peso secular de Xenofonte na educação de gerações inteiras chegou mesmo a ser nocivo ⁶.»

Menos reticentes seríamos, talvez, no caso de Luciano, cujas «fulgurantes *causeries*» também para nós representavam «um desafoço contra o tédio das para-sangas» (III, p. 219). Mas consideramos fundamentalmente justa a opinião de que «a falta de calor» é o defeito maior do Samosatense (III, p. 218):

«Brilhante *moqueur*, air-se-ia incapaz de um abandono; esquivava o idílico e o «pathos», o trágico e a amargura: serve apenas, e sempre, o jogo da inteligência.»

Com o mesmo desassombro com que considera Tirteu «um poeta mais famoso do que grande», ensopado — à parte alguns lances felizes — em «retórica patriótica», submerso por vezes «numa opacidade didascálica e gnómica, um discursivismo prosástico e raciocinante, com *τόποι* de antíteses e tropeços de silogismos» (1, p. 93); Sólon, notável como legislador, uma «alma árida e enfadonha, quase sem voos, sem colorido, sem entoação musical» (1, 119); Xenofonte, um convicto propugnador da mediocridade; Licófron, um cerebral empedernido na sanha de deslumbrar pela erudição e pelas escuras e superfetacões do barroquismo (m, 47); Herodas, um literato posticamente «realista» (ui, 52); Políbio, um bom historiador, mas um péssimo escritor (m, 150-153) — Pontani elogia, por um lado, a «bellezza fucata» dos alexandrinos (m, 8):

«O refinamento, tantas vezes considerado a tara da poesia pelas insídias constantes do artifício e do arcanismo, é a glória maior desta idade.

⁶ Xenofonte é, realmente, uma alma sem lume de poesia. Não se estranha, por isso, a opinião coincidente de Perrotta (*Storia*, 11, p. 181): «Nem um grande homem, nem um grande escritor. Em tudo, excepto na arte militar e na hípica, um diletante,»

Tudo se apresenta como que filtrado: mas o filtro é o requinte formal de acrescida e aguçada sensibilidade: e quem, sem risco de vaniloquio, lamentará a ausência do ímpeto dionisiaco? Estamos, de facto, em presença da suprema cristalização do sentimento. Este artificialismo delicado estaria, disse alguém, para a verdadeira poesia como lábios retocados para uma boca fresca. Filhos que somos de civilizações literárias, sobressaturadas de analíticas subtilezas e capilares tensões e perfumes rarefeitos, dificilmente sentiremos a nostalgia dos beijos campestres. Na beleza «retocada» há um génio de consumada perícia e nativa aristocracia: o timbre mais precioso da virtude transfiguradora do gosto.»

e louva, por outro, a candura soberana dos quatro Evangelistas, «onde [é citação alheia] a cor, o som, o sabor, o frémito são *factos* originais e perfeitos, sem desgarres de perspectiva nem revestimentos capciosos» (m, p. 238):

«Os homens, infatigáveis reelaboradores das suas criações, até destas narrativas vieram extrair o pretexto para numerosas obras literárias, em que raro atingiram representações geniais, e chegaram, por vezes, a revoltantes profanações («de parable del bellissimo nimico»). Mas, se textos poéticos existem que não tolerem esmoeduras e integrações, este é o caso dos Evangelhos. Tais documentos, dos quais descende uma era humana — pelo que «não é possível não se dizer cristão» —, apresentam, mesmo no plano da poesia, uma sua novidade inaudita, uma sua inimitável plenitude.»

Nenhuma incoerência nesta mudança de atitudes — antes a posição ideal do historiador da literatura que a produtos diversos aplica critérios diferentes e não confunde a objectividade do juízo com as preferências do sentimento.

Estudos publicados recentemente hão-de levar Pontani, em edições futuras da sua obra, a rever ou completar um ou outro ponto das suas monografias sobre Homero, Arquíloco, Sólon, Alceu, Safo, Estesícoro, Anacreonte, Hipónax ⁷, os

⁷ Surpreendeu-nos, no caso do poeta efésio, a reexumação — cautamente feita, é certo («forse»: 1, p. 174) — da velha hipótese do *Τιπώνναξ σκαφενς*, a qual, por assentar na incertíssima leitura de uma glosa quase delida do segundo epodo argenteratense (v. 3) e em uma correcção arbitrária de Coppola no frg. 39,4 (irreferível, se calhar, ao nosso iambógrafo), nos não parece já digna de qualquer men-

grandes trágicos, Menandro: para citar, ao correr da pena, alguns exemplos. Mas a validade global desta obra perdurará largamente, porque se baseia — repetimos — na lição constante e meditada dos textos. E num diuturno e esclarecido amor da civilização helénica. Que, aliado ao invulgar poder de ressurreição de almas e vivificação de poesia, torna esta *Letteratura greca* urna das melhores que se publicaram em Itália nos últimos cinquenta anos ⁸.

WALTER DE SOUSA MEDEIROS

AN TI ΔΩ PON **Hugoni Henrico Paoli oblatum.** *Miscellanea philologica*. Isti tuto di Filologia Classica [dell'Università di Genova], [Varese], 1956. 335 pp.. + 3 estampas extratexto.

Há fotografias ilusórias, ou inexpressivas, ou convencionais: esta fotografia de Ugo Paoli, colocada na abertura do volume de estudos que lhe foi oferecido pela Universidade de Génova, dá o humanista como há três anos o conhecemos, na sua casa florentina de Piazza San Felice, a poucos metros do Arno: irradiante de simpatia humana e afável bonomia, válido, operoso, profundamente vivo. Setenta anos de fortuna alterna — sem acrimonia nem travo de complexos. A serenidade vigilante do autêntico «cidadão do mundo». Podia recomendar, querendo.

E começou, fervente e incansável, elaborando novos artigos, compondo mais e mais poesias latinas, revendo um por um os livros mais queridos. *Cane del popolo*, um grosso volume há pouco editado (1958), é documento claríssimo de pujança e actividade. Vocação: inescusável vocação de magistério e de comunicabilidade. Ugo Enrico Paoli — escolar atento de Mazzoni, Rajna e Ramorino,

ção. — Mas importa dizer que, com a citada introdução de Romagnoli (v. n. 3), a monografia de Pontani sobre Hipónax é o melhor estudo de conjunto que conhecemos sobre os fragmentos deste «poeta maldito».

⁸ Apresentação agradável e cuidadosa revisão; bem escolhidas as estampas em extratexto. O índice final de autores é incompleto : regista apenas o estudo principal, desdenhando a menção instrutiva das outras referências.